

Diversão & Arte

BRASÍLIA COM ESQUINA

» PEDRO IBARRA

Alguns dos maiores nomes do jazz brasileiro se reúnem no centro de Brasília para o Cerrado Jazz Festival. Entre artistas do calibre de Ivan Lins, Metá Metá, Candice Ivory & The Simi Brothers, Joyce Moreno e Ellen Oléria,

dois pernambucanos sobressaem por trazer um tempero mineiro para o quadrado. Amaro Freitas e Zé Manoel reinterpretem o Clube da Esquina com banda no evento realizado, amanhã e sábado, no Museu da República.

O pianista Amaro Freitas reze os arranjos que foram criados por artistas como Milton Nascimento, Lô Borges, Márcio Borges, Beto Guedes e Toninho Horta, e Zé Manoel interpreta essas canções com uma voz doce e única. O resultado foi uma turnê que lotou teatros pelo Brasil e que será apresentada pela primeira vez em um festival aberto. Essa é a segunda vez dos dois

músicos em Brasília com este projeto. Nesta oportunidade, a dupla será acompanhada por uma banda que trará traços de grandiosidade ao show intimista. Eles são a atração mais esperada de amanhã e sobem ao palco às 23h. Ao **Correio**, os dois falam sobre a relação com Brasília, Clube da Esquina e das expectativas para o festival.



CERRADO
JAZZ
FESTIVAL
COMEÇA
AMANHÃ
COM SHOW
ESPECIAL DE
AMARO
FREITAS E ZÉ
MANOEL EM
TRIBUTAO
CLUBE DA
ESQUINA



Micael Hocherman/Divulgação

Amaro Freitas e Zé Manoel dão nova cara ao Clube da Esquina

PROGRAMAÇÃO
COMPLETA DO
CERRADO JAZZ
FESTIVAL

SEXTA 23 DE
AGOSTO

- » 18h - Dudão Melo e Coletivo Superjazz
- » 19h - Marcos Moraes
- » 20h - Orquestra Pizidim
- » 21h30 - Joyce Moreno
- » 23h - Amaro Freitas e Zé Manoel
- » 00h30 - Coletivo Super Jazz convida

SÁBADO 24 DE
AGOSTO

- » 18h - Abertura dos portões
- » 18h30 - Jhoninha Medeiros Big Band
- » 20h - Metá Metá
- » 21h30 - Ivan Lins
- » 23h - Ellen Oléria
- » 00h30 - Candice Ivory & The Simi Brothers

Entrevista // Amaro Freitas e Zé Manoel

Essa é a segunda passagem de vocês com esse projeto em Brasília. Após duas apresentações esgotadas em março, como vocês percebem essa recepção e o abraço da capital?

Amaro Freitas: Para mim, é uma alegria imensa tocar em Brasília esse repertório do Clube da Esquina. Vem sendo muito divertido e prazeroso dividir esse momento com Zé Manoel. Eu fiquei muito surpreso porque Brasília nos abraçou de forma muito bonita e potente. Foi realmente emocionante poder fazer esse show na capital. De coração, foi uma das melhores recepções que nós tivemos com esse projeto, e nós circulamos por muitos lugares. Estou muito empolgado para este retorno.

Zé Manoel: As minhas passagens por Brasília sempre foram especiais. Essa última vez com Amaro e show do Clube da Esquina veio para firmar como a cidade consome cultura e há um interesse muito grande pela música. Para a gente que vive de fazer música, ter contato com esse público é muito especial. Eu tenho uma relação única com Brasília, tenho amigos e pessoas que amo na cidade. Não é só trabalho também é afeto. Estou ansioso para voltar, depois de dois shows esgotados, ter minha primeira experiência dentro de um festival em Brasília.

Na primeira vez que vieram, o formato foi de "show de teatro", agora a

apresentação será em um festival. Qual a importância de fazer um show para um público que não necessariamente foi para o local assistir vocês?

Amaro Freitas: Vão ser experiências muito diferentes. A primeira vez foi em um teatro, um show intimista só com nós dois. Nesse formato para festival, nós temos uma banda. A gente está levando algo novo, o que é bom para quem nunca viu e também quem já viu esse show. Para nós, também será diferente porque será a primeira vez que apresentamos o projeto ao ar livre.

Zé Manoel: Tem uma coisa importante que é o fato de ser um festival de jazz. O público do gênero é acostumado e interessado em ouvir, tem o hábito da escuta mais até do que o público de canções. A gente sabe que em eventos as pessoas naturalmente vão para dançar, encontrar-se com outras pessoas e por diversão. Há uma expectativa grande, mas acho que a recepção será positiva.

O Clube da Esquina já ultrapassa os 50 anos e já foi reimaginado de diversas formas. O que há de único neste show?

Amaro Freitas: A gente colocou a nossa alma neste show. Sabemos que o Clube da Esquina é um disco muito revisitado e que existe uma memória afetiva muito forte dos brasileiros com o álbum. O que a gente tentou fazer foi manter uma originalidade no quesito não tirar a essência da música, mas trazendo nossa identidade. O lugar que

conseguimos deixar isso fascina o público, os deixa felizes. Quem assiste vem com uma reposta de que já ouviu o álbum em várias versões e que essa emocionou mais, que a gente fez jus ao que o próprio Clube da Esquina fez. É muito bonito e impactante poder receber um feedback dessa forma. Eu me sinto muito honrado em fazer esse projeto e de perceber que ele tem emocionado e de que o espectador tem aprovado a forma que temos conduzido.

Zé Manoel: Pelas trocas com o público de vários lugares do Brasil, o que dá para perceber é que quem acompanha o Clube da Esquina muito em ouvir aqueles clássicos e canções que marcaram a vida das pessoas em uma outra roupagem. Dois homens negros, nordestinos reinterpretando uma obra icônica mineira, isso leva para um outro lugar. Impacta quem conhece a obra, mesmo quem não conhece a gente pega essa visão diferente. O Clube da Esquina possibilita uma conexão única com as pessoas. Gente que não me conhecia ou não conhecia o Amaro chegou ao nosso trabalho autoral após se apaixonar por meio dessas canções. É uma sina desse projeto de abrir possibilidades e portas inesgotáveis para universos maravilhosos e incríveis.

Para um espectador que não conhece vocês individualmente, mas que ama o Clube da Esquina. Como vocês apresentam o trabalho que estão rodando o Brasil?

Amaro Freitas: Esse trabalho presta uma homenagem ao Clube da Esquina e fala sobre diversidade cultural brasileira. Quando a gente pensa no Clube vem os mineiros, que trazem uma particularidade brasileira. Quando a gente pensa em mim e no Zé Manoel, dois pianistas pretos nordestinos e pernambucanos de pontas distintas do mesmo estado juntos em um piano, é incomum ao Brasil. Ocupamos esse palco para tocar músicas que fazem parte da identidade brasileira. A gente tem a ousadia e a honra de mexer com isso, colocar todo nosso sentimento, nossa alma e amor nesta obra sagrada para recriar essa diversidade cultural e geográfica do nosso Brasil.

Zé Manoel: O Clube da Esquina é um cancionário que dá infinitas possibilidades de releituras. Para mim, foi interessante, não só como intérprete do projeto, mas por estar acompanhando o processo de rearranjo de Amaro para essas canções. Tem algo muito único na forma como Amaro trouxe esse repertório para o universo dele, ao mesmo tempo em que eu também tive o desafio de trazer essas canções super amadas, assimiladas e com gravações definitivas de uma constelação de grandes astros para o meu universo sem querer em momento algum ocupar um lugar ao lado do Milton Nascimento, por exemplo. Ele é um cantor que não existe outro nem nada parecido no mundo, alguém que tenha a obra, a força e a grandeza dele.



CERRADO
JAZZ
FESTIVAL

Amanhã e sábado, no Museu Nacional da República (Eixo Monumental), a partir das 18h. Entrada gratuita.

